

A MÍSTICA DE TERESA DE ÁVILA E SUA POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO À FILOSOFIA CARTESIANA

Alisson Henrique Domingos¹
Newton Aquiles von Zuben²

O presente estudo estabeleceu-se nos ditames de dois grandes personagens da história: de um lado Teresa de Ávila, espanhola do século XVI, monja e reformadora da Ordem Carmelita e de outro o filósofo da modernidade, René Descartes.

Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, mais conhecida como Santa Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Jesus, foi uma espanhola, monja e reformadora da Ordem Carmelita que viveu no século XVI. Escreveu obras de grande relevância para a espiritualidade católica, destacando-se a obra-prima de sua maturidade espiritual, Castelo Interior – ou Moradas –, escrito em 1577, aos seus 62 anos (MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, 2015, p.41), completando as obras predecessoras Vida e Caminho de Perfeição.

A motivação para o Castelo surgiu de uma conversa com o Padre Gracián que ordenou que escrevesse outra obra quando se lamentava estar um ponto de sua vida bem descrito no livro da Vida, que não mais possuía por estar nas mãos da inquisição. Foi mais explicitamente por ordem de seu confessor, Dr. Velázquez, que a santa toma a pena e começa a relatar sobre suas experiências que faz com escrita direcionada às leitoras de seus carmelos, pessoas simples, e não para os doutos e letrados.

Já tendo redigido diversas outras coisas, não possuindo inspiração, mas sob a ordem de escrever, Teresa põe-se em oração para pedir ao Senhor que lhe diga o que deveria transmitir por sua pena. Foi neste momento que teve a visão espiritual de uma alma justa e será a partir dela que desenvolverá sua doutrina mística. Após a visão, no curto espaço de seis meses escreveu todo o volume (destes, três foram de trabalho efetivo, devido uma interrupção por conta de seus ofícios). Além disso, o tempo para o exercício da escrita da religiosa era bastante

¹ Engenheiro Agrônomo (USP) e Bacharel em Filosofia (PUC-Campinas). Bacharelado em Teologia (PUC-Campinas) e Pós-graduando em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual (FAJE). Seminarista da Diocese de Piracicaba. E-mail para correspondência: alisson.domingos@alumni.usp.br

² Doutor em Filosofia. Professor Titular e Pesquisador do Programa de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil.

restrito, podia escrever apenas ao fim da tarde e à noite, uma vez que a rotina do carmelo ocupava todo o tempo do dia. (MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, 2015, p. 45-46)

Compreende ela que a alma humana é semelhante a um cristal resplandecente das claridades da fornalha divina, isto é, o próprio Deus que se encontra no centro e dissipa sua luz, criando diferenças de intensidade de luz e formando as chamadas “moradas”, zonas dentro desse cristal que podem ser mais ou menos iluminadas.

O alicerce a partir da qual toda a mística teresiana será construída é a presença de Deus que reside como um hóspede no mais profundo da alma – as sétimas moradas –; doutrina recebida de Agostinho, como ela mesma atesta: “vede que Santo Agostinho falou que O procurou em muitos lugares e só veio a encontrá-lo dentro de si mesmo” (*Caminho*, 28, 2). A partir dessa “verdade fundamental”, toda mística teresiana será um caminho de interiorização para encontrar-se com Deus no profundo da alma com a finalidade de unir-se a ele (MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, 2015, p.56). Santa Teresa não aborda essa presença de Deus no profundo da alma como sendo uma mera metáfora, não! Trata-se antes de uma verdade da qual ela está convencidíssima pelas suas experiências; entretanto, tem ela a necessidade de que se confirme suas experiências pelas certezas da fé e exatidões da teologia (*Vida*, 18, 15). Só quando Frei Vicente Barrón, da Ordem dos Dominicanos, a esclarece ficará em paz.

Segundo a metafísica de Santo Tomás, o primeiro motor, ato puro e causa primeira, tudo criou. Aquele que tudo cria deve também tudo conservar, isto é, sustentar no ser a sua criação. “Deus causa nas coisas, não somente quando começam a existir, mas enquanto subsistem (...) logo, enquanto subsistir uma coisa, é necessário que Deus lhe esteja presente” (*ST. I, q. 8, a. 1*). Assim, Deus está presente em todas as coisas criadas, e chama a cada uma de suas criaturas à diferentes graus de participação no ser subsistente e nas suas perfeições, de modo que, por este meio, sustenta a obra criada. Por outro lado, apenas essa delimitação metafísica não é suficiente para explicar as relações interiores com o divino, sendo necessário partir para a presença objetiva. Pela graça, a alma passa a estabelecer com Deus uma relação de amizade e direciona-se a ele como objeto de conhecimento e de amor. Essas duas presenças se completam na alma justa e iluminam a todo o castelo (MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, 2015, p. 61).

Está estabelecido para Teresa sua verdade fundamental: Deus habita no mais profundo da alma – parte mais elevada da alma da qual difunde toda a vida divina. Assim, seu caminho de espiritualidade será uma via de interiorização progressiva, passando de morada em morada, até o centro onde está Deus, hóspede da alma e vida de nossas vidas. A base é a presença de

Deus, o meio, a progressiva interiorização, o fim, a união transformante, isto é, a divinização ou santificação da alma humana .

Outro ponto que deve ser destacado é o conhecimento de si. Como é de se esperar, a mística da santa espanhola é um processo de ascendência até Deus – que para ela habita no mais íntimo da alma humana (axioma fundamental). Depois desse axioma, o próximo passo fundamental a ser dado é no sentido do conhecimento de si, uma vez que aí mora Deus: “A questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que não houvesse nisso nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais no céus” (*Moradas, I, 2, 9*).

Do outro lado dessa pesquisa tem-se René Descartes que escreve em 1641 sua obra *Meditações Metafísicas*, originalmente em latim, *Meditationes de prima philosophia*. A intenção do filósofo é provar a existência do sujeito que está consciente si mesmo. Para isso ele cria dúvidas que denomina hiperbólicas, sobre sua capacidade de conhecimento para comprovar se algo resiste à dúvida. Esse algo será o *cogito* que se revelará ao final do trajeto. Ele adianta as hipóteses do Deus enganador e a do gênio inteligente (*malin génie*), a hipótese do gênio maligno, poderoso que faria de tudo para enganar o filósofo.

Em 1641 Descartes escreve suas *Meditações Metafísicas*, originalmente em latim, *Meditationes de prima philosophia*. A intenção do filósofo é provar a existência do sujeito que está consciente si mesmo, uma espécie de detalhamento do Discurso do Método. Para provar a consciência de si o autor cria dúvidas – denominadas hiperbólicas – sobre sua capacidade de conhecimento para comprovar se algo resiste à dúvida. Esse resíduo será o *cogito* que se revelará ao final do trajeto. Ele adianta as hipóteses do Deus enganador e a do gênio inteligente (*malin génie*), a hipótese do gênio maligno, poderoso, que faria de tudo para enganar o filósofo.

Partindo-se da hipótese de que há semelhanças entre a busca metafísica de Descartes e a experiência religiosa de Teresa e na conclusão que daí derivam, bem como tendo em vista as profundas diferenças tanto no procedimento quanto nas conclusões, objetivou-se neste estudo constatar uma possível influência de Teresa sobre Descartes. Utilizou-se do método hermenêutico-compreensivo, pelo qual se fez a leitura crítica e análise conceitual das obras *Castelo Interior* e as *Meditações Metafísicas*.

Por meio da análise comparativa dos textos, percebe-se quem em diversos fragmentos existe uma certa similaridade entre as descrições de Descartes e as de Teresa. Na primeira meditação, Descartes procura por primeiros fundamentos que sejam sólidos para que se possa

construir seu edifício epistemológico (DESCARTES, 2004, p. 21 - *Primeira Meditação, 1*). Igualmente, Teresa parte de fundamentos primeiros – chamados por ela de primeira verdade – que no caso dela é a presença de Deus na alma. Descartes, assim como Teresa, teme por ser enganado pelos sentidos e os dirimem, como se percebe em “*notei que os sentidos às vezes enganam*” (DESCARTES, 2004, p. 21 - *Primeira meditação, 3*). O temor por ser enganado é profundamente manifesto aos autores. Em seu procedimento, Descartes se interroga sobre a possibilidade de enganação pelo sonho ou vigília, preocupação que também Teresa manifestará. Será, entretanto, tributado a existência de um gênio maligno que tem seu empreendimento em enganar o filósofo a principal fonte de possibilidade de engano; consonantemente, Teresa encontrará no demônio essa mesma fonte de ilusões.

Na segunda meditação o filósofo procura por sair da trama das possibilidades de ser enganado. Chega à conclusão de que é necessário que exista uma mente e que seja impossível que ela não exista. O filosofar cartesiano, por conseguinte, bem como a atividade mística de Teresa passam então por, a partir de verdades confiáveis e de evidências seguras, dar passos para a construção de seu edifício epistemológico ou meditativo.

Christia Mercer (2016) afirma que Descartes estudou desde os seus dez anos em escola jesuíta, que possuía dentro de seus currículos o estudo dos escritos espirituais de seu fundador, Santo Inácio de Loyola. É justamente por essa razão que é possível encontrar na literatura pesquisas que investigam uma possível influência de Inácio sobre Descartes, donde nada se pôde provar. Entretanto, no final da idade média e início da era moderna, Teresa de Ávila ganhou grande repercussão em toda a Europa por ter herdado a tradição meditativa anterior e ter lhe empregado um caráter original, isto é, o estilo de linguagem utilizada na escrita de seus tratados, podendo se perceber um constante diálogo com o leitor e trechos de cunho autobiográfico.

Ainda de acordo com Mercer (2016), houve um grande impulso nos escritos de espiritualidade que se realizou entre os anos de 1200 e 1500, na qual as mulheres participaram de maneira proeminente. Todos esses escritos abordavam sobre o autoconhecimento para chegar até a divindade – modelo que perdurava desde Agostinho. Teresa, no entanto, vai além quando insere relatos de sua vida pessoal e utiliza-se de temas filosóficos para seus escritos, como as faculdades da alma, escritos no catalão para suas freiras.

Verificando-se a biografia de Descartes, pode-se dizer que muito provavelmente ele pode ter tido contato com as obras de Teresa, uma vez que, pelo fato de o filósofo ter estudado em escola católica, de modelo pedagógico jesuíta, ordem religiosa que teve papel fundamental na beatificação de Teresa; corrobora-se a afirmação ainda pelo fato de um dos superiores gerais ter sido anteriormente o diretor espiritual da santa. Dessa forma, o aluno Descartes que em 1606 entra na escola deve ter tido contato com a obra daquela que haveria de ser canonizada em 1622 (MERCER, 2016).

São vários os pontos de congruência entre Teresa e Descartes. Ambos convidam o meditador a percorrer um caminho que se inicia por abandonar as suas falsas crenças em busca de verdades fundamentais. Ambos iniciam suas meditações dizendo sobre a possibilidade de ser enganado ou se perder (seja em verdades falsas, seja na devassidão dos pecados). Ambos oferecem um caminho de fuga para essa realidade. Descartes quer demolir cada edifício desde a infância para construir um novo e Teresa busca pelo autoconhecimento para não se tornar uma estátua de sal. Ambos reconhecem a possibilidade de uma entidade enganadora no processo de obtenção das verdades. Em diversos momentos a autora relata a angústia de poder estar sendo haja visto que teve contato com a espiritualidade. Além disso, uma outra característica está no modo como eles escrevem – em sua retórica –, utilizando-se de recursos como a “conversa” com o leitor e um modo de escrita repleto de exemplos cotidianos e linguagem simples, coisa que Teresa “inventou” e que Descartes seguiu.

Conclui-se, desta forma, que uma possível influência de Teresa sobre Descartes é bastante factível e que, provavelmente, deve ter acontecido, como se pode verificar pelos dados biográficos e pelos traços contidos nas obras. Percebe-se a importância de Teresa de Ávila que vai para além dos escritos sobre espiritualidade, exercendo influências no contexto filosófico e cultura da época e que até o hodierno perdura.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de, Santo. **Suma Teológica**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

D'ÁVILA, Teresa. **Obras completas**. São Paulo: Paulinas, 2017.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas** [Tradução de Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARIA-EUGÊNIO do Menino Jesus, Frei. **Quero ver a Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 1534 p.

MERCER, Christia. Descarte's debt to Teresa of Ávila, or why we should work on women in the history of philosophy. **Philos stud**, 2016.